

# Construções insubordinadas causais no português brasileiro: um estudo da fala espontânea

## *Insubordinated Constructions in Brazilian Portuguese Speech: A Study of Spontaneous Speech*

**Alessandra Emanuelle  
Macieira Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR  
aems@ufmg.br  
<https://orcid.org/0009-0005-9008-6665>

**Luana Lopes Amaral**

Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR  
luanalopes@let.grad.ufmg.br  
<https://orcid.org/0000-0002-4290-1208>

**Resumo:** Nesta pesquisa, analisamos as construções insubordinadas na fala espontânea do português brasileiro, com foco nas construções causais, como *eu acho que sim // porque ela trabalha o dia inteiro //*. Adotamos como base teórica a Gramática de Construções (Croft; 2001, 2022) e os trabalhos sobre insubordinação, desenvolvidos na literatura sobre o tema (Bossaglia; Mello e Raso, 2020; Evans, 2007; Mithun, 2008). De acordo com esse aparato teórico, a relação entre partes da construção é de tipo semântico. Conforme mostram os dados deste artigo, a insubordinada é prosodicamente independente, mas exerce funções discursivas próprias. Por se tratar de dados autênticos e representativos da dia-mesia falada, as 286 ocorrências foram extraídas do *corpus* C-ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012) e as construções analisadas foram observadas quanto à função pragmática e conteúdo semântico. Os dados mostraram que as construções insubordinadas causais analisadas, apesar de apresentarem sintaxe de subordinadas causais, estabelecem relações semânticas com as orações que as precedem, especificamente uma relação de justificação enunciativa, de modo que a sintaxe de subordinação fica em segundo plano. Logo, a construção é vista como um resultado do uso da língua. Há, ainda, casos em que as insubordinadas apresentam uma relação com outro ato de fala contíguo, no qual, diferentemente das insubordinadas, uma aparente oração principal é identificada e, formam, portanto, as construções semi-insubordinadas.

**Palavras-chave:** insubordinação; construções causais; Gramática de Construções; fala espontânea.



**Abstract:** In this research, we analyze the insubordinated constructions in spontaneous Brazilian Portuguese speech, focusing on causal constructions, based on Construction Grammar (Croft, 2001, 2022) and the studies on insubordination found in the literature on the subject (Bossaglia; Mello and Raso, 2020; Evans, 2007; Mithun, 2008). According to this theoretical framework, the relationships between parts of the construction are purely semantic, and there are no syntactic relationships, only roles played within the construction. Since the data is authentic and representative of spoken diamesis, the occurrences were extracted from the C-ORAL BRASIL *corpus* (Raso; Mello, 2012), with a focus on enunciative justification constructions regarding their pragmatic function and semantic content. The results showed that the constructions establish semantic relationships between the main and the subordinate clause, so that syntax takes a secondary role, and the construction is seen as a result of language use. There also cases in which insubordinate clauses show a relation to another contiguous speech act, in which an apparent main clause is produced and therefore forms the semi-insubordinate constructions.

**Keywords:** insubordination; causal constructions; Construction Grammar; spontaneous speech.

## 1 Introdução

Este trabalho se dedica a analisar a insubordinação em dados de fala espontânea do português brasileiro, com foco na realização de construções causais insubordinadas, com base na Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001, 2022). As orações insubordinadas são aquelas que, segundo Evans (2007), apresentam características de orações subordinadas, mas são realizadas de forma independente e assumem diferentes funções discursivas como: controle interpessoal, modalização e sinalização de material pressuposto. Ou seja, são orações que apresentam marcas de subordinação, mas apresentam uso independente e convencionalizado como oração “principal” de uma oração complexa, mesmo que, à primeira vista, pareçam ser formalmente subordinadas.

Nesse ponto de vista, a insubordinação deve ser avaliada também no nível semântico, pragmático e discursivo; e não apenas sintático (Evans; Watanabe, 2016). No plano discursivo, conforme afirma Mithun (2008), é possível reconhecer funções metadiscursivas e dialógicas das construções. Prosodicamente, como observado por Schwenter (2016), em sua pesquisa

sobre insubordinadas condicionais no espanhol, as construções apresentam contorno entonacional específico, mais parecido com enunciados declarativos, em vez de apresentarem contorno prosódico não final. Logo, as orações condicionais independentes, conforme observado por Schwenter (2016), não apresentam entonação “inacabada” ou “não conclusiva”, e soam como completas, devido ao contorno entonacional mais conclusivo<sup>1</sup>:

- 1) A: *¿Vamos a la playa?*  
 (“Vamos à praia?”)  
 B1: *\*¿Si esté lloviendo!*  
 (“Se estiver chovendo!”)  
 B2: *\*¿Si está lloviendo y si hace frío!*  
 (“Se está chovendo e está frio!”)

Em seu estudo, a autora observou que essas construções não aceitam formas verbais no subjuntivo, não permite a coordenação com outras orações e a entonação de “continuação ascendente”; ao contrário, pesquisas anteriores indicam que apresenta entonação exclamativa (Montolío, 1999; Schwenter, 2016). Vejamos mais um exemplo:

- 2) A: *¿A qué hora llegan los primos esta tarde?*  
 (“A que horas chegar:3PL os primos esta tarde?”)  
 (“A que horas chegam nossos primos chegam esta tarde?”)  
 B: *¿Si ya han llegado esta mañana!*  
 (“SI já haver:3PL chegar:PAPT esta manhã!”)  
 (“Eles já chegaram esta manhã!”)
- 3) *Si aún tenéis hambre...* (falante aponta para uma panela cheia de comida)  
 (“Se ainda ter:2PL fome”)  
 (“Se você ainda tem fome...”)

A análise feita por Schwenter (2016, p. 76) sobre o estudo de orações *si* independentes refuta uma afirmação feita por outro falante em uma oração imediatamente anterior, e o movimento melódico final do enunciado se assemelha a contornos prosódicos finais, com tom de fronteira baixo, comum em enunciados declarativos. Por outro lado, em outros usos das insubordinadas, como em (3), o padrão melódico é de contorno entonacional não final, apresentando uma ideia de “suspensão” e “não conclusão” do enunciado, gerando uma inferência para interlocutor.

Nos dados observados nesta pesquisa, alguns padrões melódicos parecidos foram observados, nos quais a construção insubordinada, apresenta, prosodicamente, um perfil que orienta o interlocutor a fazer uma inferência a partir da construção realizada pelo falante. O exemplo abaixo, retirado do *corpus* C-ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012) e que faz parte dos dados desta pesquisa, mostra uma ocorrência de insubordinação:

---

<sup>1</sup> Traduções e adaptações de nossa autoria, retiradas de Schwenter (2016, p. 76).

- 4) [falantes conversam sobre a construção de um muro]<sup>2</sup>  
 \*ROG<sup>3</sup>: eu vou &coloc [/3] eu vou suspender mais um pouquim aqui / vou pegar a linha / e vou colocar por cima //  
 \*PAU: ah / **porque senão** //

As construções insubordinadas servem a propósitos comunicativos e discursivos entre falantes e ouvintes e as conjunções adverbiais veiculam significados diferentes, servindo ao contexto. No exemplo (4), a construção insubordinada *porque senão* não apresenta integração textual com a construção anterior *eu vou suspender mais um pouquim / vou pegar a linha e vou colocar para cima* no sentido de que cada uma compõe um enunciado diferente. Essa autonomia se dá nos níveis semântico-pragmático e prosódico. Funcionalmente, a construção é usada pelo falante para constatar um aspecto factual, uma obviedade, isto é, se a linha não for colocada, o muro pode desabar. Portanto, \*PAU apresenta, em seu ato de fala, uma avaliação sobre o ato de fala de \*ROG, constatando sua percepção em relação ao contexto situacional do ato de fala de seu interlocutor, e não do conteúdo locutivo.

Neste caso, as construções não apresentam nenhum material recuperável no contexto linguístico adjacente, sendo a estrutura, aparentemente dependente, totalmente solta do ponto de vista textual. Portanto, o uso do termo “integração textual” é uma referência ao fato de que as insubordinadas não se conectam textualmente à construção anterior como parte de uma estrutura lógica e coesa típica de uma oração subordinada e, portanto, não há integração textual com a construção adjacente visto que esta e a insubordinada são dois enunciados diferentes. Desse modo, são independentes sintática e pragmaticamente. Vejamos outro exemplo, também de nossos dados:

- 5) [falantes comentam a reforma do apartamento]  
 \*CES: mas / só que a área de serviço ficou muito pequena //  
 \*ANE: é / ué / isso é que [/3] é < isso que a > [/4] isso que a Alcione falou comigo / Anete / cê tem dúvida //<sup>4</sup>  
 \*CES: < tendeu > //  
 \*CES: é //  
 \*CES: tem dúvida //  
 \*CES: tendeu //  
 \*CES: o' p' cê ver //  
 \*CES: em relação / àquele apartamento //  
 \*CES: < tendeu > //  
 \*ANE: < **porque olha** > aqui //  
 \*ANE: quer ver //  
 \*ANE: esse aqui / tava aqui //

<sup>2</sup> Todos os áudios referentes aos dados presentes no artigo estão disponibilizados neste link: [https://drive.google.com/drive/folders/1ImfTZDLp1dzqFouFLZSWOl7ViyzdJABi?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1ImfTZDLp1dzqFouFLZSWOl7ViyzdJABi?usp=drive_link).

<sup>3</sup> Segundo os critérios de transcrição do *corpus* C-ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012), os acrônimos precedidos por asterisco são utilizados para indicar os falantes.

<sup>4</sup> A barra simples entre colchetes seguida de número marca o retracting, que ocorre quando o falante reformula seu conteúdo locutivo.

Neste caso, a construção *porque olha aqui* é uma estrutura insubordinada usada pela falante para justificar o seu próprio ato de fala, como defendemos neste artigo. Esse uso, inclusive, se torna mais evidente ao notarmos que a construção causal realizada por \*ANE acontece após vários turnos de fala de \*CES. Ou seja, a falante realiza uma afirmação para confirmar o que foi dito pela interlocutora (*isso que a Alcione falou comigo*) e em seguida, realiza uma pergunta para se certificar de que o conteúdo locutivo foi entendido (*cê tem dúvida*). Conforme acontece em uma interação espontânea entre falantes, há sobreposição e novos turnos de fala de \*CES e, em seguida, \*ANE veicula uma construção insubordinada causal, justificando o seu ato de fala anterior. Porém, a justificativa é “abstrata” dado que \*ANE utiliza um elemento dêitico de lugar (*aqui*) para mostrar a área do apartamento e, portanto, referenciar o lugar da enunciação. Logo, dentro da interação comunicativa, a referência ao espaço é o que sinaliza a justificativa enunciativa, ou seja, \*ANE localiza o espaço para justificar a sua opinião de que o apartamento ficou pequeno após as mudanças.

Por se tratar da diamesia falada, a ocorrência das orações insubordinadas apresenta relação no nível prosódico. Nesse sentido, segundo Raso (2012, p. 58), a fala espontânea é entendida como a fala que é planejada ao mesmo tempo em que é executada, sem planejamento “prévio”. Desse modo, as diamesias falada e escrita se diferem não apenas em relação a questões estruturais, mas também apresentam distinções na organização da informação devido a características próprias da fala. Durante as interações comunicativas, falante e ouvinte estão sujeitos a limitações de pouco tempo (de memória), isto é, de “pedaços” de informações que conseguem armazenar em um curto período de tempo. Isso se deve ao fato de que, como observado por Miller e Weinert (1988), esta diamesia apresenta características diferentes da escrita, uma vez que a fala espontânea envolve interação face a face e contato visual, por exemplo, de modo que não é possível “apagar” aquilo que foi dito.

As características próprias da fala, portanto, podem gerar interpretações e análises diferentes acerca das funções das construções, visto que essas são orientadas ao contexto e à comunicação com o interlocutor. Nesse sentido, a fala tem alguns parâmetros prosódicos como entonação, velocidade de fala, duração; além de elementos característicos como pausas, risadas e interrupções entre turnos de fala e tais fatores estão presentes nas interações comunicativas espontâneas e compõem a estrutura da fala.

É importante destacar que, além da dimensão prosódica, a fala é governada pelo nível pragmático, organizando o significado e o sentido no discurso. Por conseguinte, para capturar a existência de fenômenos próprios da fala, é importante registrar ocorrências que acontecem em interações não guiadas. No entanto, durante muito tempo a fala foi estudada com base apenas em textos transcritos, ou seja, categorias adequadas ao estudo da escrita. Considerando esse cenário, para que os dados reflitam, de fato, o uso da língua pelos falantes, neste trabalho, selecionamos o *corpus* C-ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012), por dispor de dados autênticos de fala, ser segmentado prosodicamente e apresentar variedades situacionais que permitam explorar, de forma mais ampla, o estudo das causais.

Diante disso, partindo da proposta teórica de Croft (2001, 2022), pretendemos investigar se as construções insubordinadas apresentam algum tipo de relação de subordinação ou dependência, não sintática, mas semântica, com as demais construções oracionais com que coocorrem na enunciação na fala espontânea. Para tanto, temos como hipótese que os eventos denotados pelas construções insubordinadas e suas adjacentes na enunciação na diamesia falada mantêm uma relação semântica de justificativa do ato de fala, como apresentado no exemplo (5).

Além disso, neste trabalho, buscamos também entender o motivo pelo qual a forma causal subordinada, com a conjunção *porque*, acontece na fala espontânea com função de justificação do ato de fala na estrutura da insubordinada. Para isso, adotamos a hipótese de que a construção causal usa a estratégia de recrutamento (Croft, 2022), que será explicada em detalhes mais adiante, por assumir uma forma canônica de uma oração formalmente subordinada, porém com outra função discursiva.

De modo geral, para resolver os problemas propostos e corroborar as hipóteses levantadas, temos como objetivo analisar o uso das construções insubordinadas causais na fala espontânea do português brasileiro e identificar o motivo pelo qual os falantes usam a forma menos canônica, suas funções e se essas construções são totalmente independentes ou se existe alguma motivação semântica ao optar por essa distribuição, dentro do plano prosódico-pragmático da construção. Além disso, buscamos observar as ocorrências de construções semi-insubordinadas, as quais apresentam uma relação com outro ato de fala contíguo, no qual uma aparente oração principal é realizada, estabelecendo uma relação textual com o conteúdo linguístico adjacente. Tais construções, conforme analisado por Bossaglia, Mello e Raso (2020), são diferentes das insubordinadas uma vez que apresentam vínculo textual ou pragmático com outra construção que contém um material de oração principal.

A seguir, apresentaremos o aporte teórico que orienta esta pesquisa, distribuído nas seções sobre insubordinação e Gramática de Construções. Em seguida, abordaremos a metodologia que guiou este trabalho e, por fim, os resultados encontrados e as considerações finais.

## 2 Insubordinação

Como apresentado na seção anterior, Evans (2007) destaca que as insubordinadas são orações que, mostram-se formalmente subordinadas, mas funcionam como principais. Nesse caso, as orações são usadas como independentes, mesmo que existam índices lexicais, como conjunções, que prototipicamente introduzem construções subordinadas. Nessa perspectiva, apresentam a estrutura formal de subordinação, mas são orientadas à função de uma oração principal, funcionando como construções não prototípicas, como mostraremos em mais detalhes adiante. Portanto, representam certos desafios às análises tradicionais de construções que apresentam relações de combinações entre as orações, como a subordinação e a coordenação. Apesar de ocorrerem em muitas línguas (Evans, 2007; Evans; Watanabe, 2016; Mithun, 2008), continuam sendo uma construção é pouco estudada, em detrimento de outras construções mais canônicas. Em outras abordagens, o fenômeno pode ser descrito como orações desgarradas (Decat, 2011) e *independent clauses* (Montolío, 1999; Schwenter, 1999). Na abordagem de Traugott (2017, p. 3), por exemplo, em sua análise sobre orações independentes finitas introduzidas por subordinadores em inglês, foram identificadas algumas pistas formais de insubordinação, como a presença de: i) um subordinador, ii) modalidade/moço (subjuntivo em línguas em que isso é relevante), iii) ordem de palavras típica de oração subordinada (em línguas em que isso é relevante) e iv) uso sintático independente. Vejamos, em alguns dos nossos dados abaixo, a ocorrência das construções insubordinadas:

6) [falante fala sobre o desmatamento na região]

\*MAI: talvez agora já acabou porque já desmataram muito / né //

7) [falante pede ao seu interlocutor para pegar as pilhas]

\*BAL: tira essas / sem &ca [ /2] essas não recarregáveis daí // porque eu vou colocar elas em outro lugar //

Nos exemplos, em (6), há uma construção subordinada e causa direta, pois a causa de ter acabado a vegetação é ter desmatado muito; em (7), a construção é insubordinada e não há a causa direta, visto que há uma justificação enunciativa: a falante dá uma ordem e produz uma construção insubordinada veiculada ao ato de fala, em uma relação do tipo “disse isso (*tire as pilhas*), por causa disso (*vou colocá-las em outro lugar*)”. Logo, a relação é de causa, de modo que *porque* justifica o ato de fala imperativo. Podemos considerar essa justificação como uma causa indireta. Sweetser (1990, p. 77) define que o uso como “causa indireta” corresponde a uma mudança da relação causal para o plano ou epistêmico (o falante quer justificar uma crença expressa em uma oração anterior ou marcar uma conclusão), ou pragmático (o falante querendo dar conta de um ato de fala que acaba de cumprir).

Portanto, neste trabalho usaremos “causa” para os casos em que há uma relação direta de causa-consequência e “justificação enunciativa” para quando essa relação canônica não existir<sup>5</sup>. Assim, nesse caso, o uso do item lexical que introduz as causais não parece estabelecer uma causa direta, isto é, causa/consequência, mas sim uma relação pragmática entre atos de fala, com uma justificativa. Logo, não há dependência entre a “principal” e a “insubordinada”, e sim um uso sintático independente, até pelo fato de estarem em níveis prosódicos diferentes.

Como postulado pela *Language into Act-Theory* (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014), teoria que orienta a segmentação do *corpus* C-ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012), a unidade de referência da fala é o enunciado e a marcação da fronteira dos enunciados é feita por quebras terminais (//). Nesse sentido, o enunciado é uma unidade com autonomia prosódica e pragmática. Por exemplo, *ham ham //* é considerado um enunciado uma vez que veicula uma ilocução de confirmação. Nessa abordagem teórica, o enunciado corresponde ao ato de fala (Austin, 1962), ao ato locutivo e, portanto, carrega uma força ilocucionária. Desse modo, como indicado por Raso (2012, p. 95), “a segmentação e a individualização de um enunciado não é então a sua estrutura morfossintática, mas a sua forma prosódica, que nos diz onde e como segmentar a fala”. Portanto, as insubordinadas ocorrem entre fronteiras de enunciados, separados pelas barras duplas (//). Logo, em (7) *tira essas não recarregáveis daí //* e *porque eu vou colocar elas em outro lugar //* estão em fronteiras prosódicas diferentes visto que estão separadas por barras duplas e, portanto, constituem enunciados diferentes e, sob a perspectiva de Croft (2022), apresentam construções diferentes – sendo, portanto, uma escolha do falante produzir as construções em unidades prosódicas separadas, o que reflete sua intenção comunicativa. Essa escolha também foi observada por Schwenter (2016) nos dados de orações iniciadas por *si* e realizadas de forma independente no espanhol, usadas pelos falantes para sinalizar uma inferência ao interlocutor. No exemplo do português, portanto, há duas construções oracionais independentes, de modo que construção insubordinada causal não exerce depen-

<sup>5</sup> Por serem também independentes do ponto de vista sintático e semântico, as construções insubordinadas aqui estudadas podem ser confundidas com orações coordenadas explicativas. Porém, as insubordinadas apresentam funções diferentes e, portanto, não se assemelham às coordenadas visto que, para a insubordinada não é possível reconhecer uma oração principal no contexto linguístico. Portanto, a leitura como coordenada explicativa pressupõe a existência de duas construções independentes ligadas parataticamente, porém as insubordinadas não possuem uma principal reconhecida no contexto.

dência sintática em outra construção, uma vez que é autônoma e que o enunciado que é justificado pela insubordinada pode ser expresso por diferentes tipos de construções.

Uma vez delineado o fenômeno da insubordinação, é importante compreender o quadro teórico que permite tratar tais ocorrências como unidades significativas da língua. A **Gramática de Construções** (Croft, 2001, 2022) oferece um modelo adequado para analisar padrões formais e funcionais em uso, especialmente na língua falada. Assim, na seção seguinte, são apresentados os princípios fundamentais dessa abordagem e estudos que contemplam esse aporte teórico.

### 3 Gramática de Construções

A Gramática de Construções, como proposta em Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001, 2022), além de outros autores, é considerada um conjunto de teorias que aderem aos princípios da Linguística Cognitiva e propõe um modelo uniforme de representação de todo o conhecimento gramatical (sintaxe, morfologia e léxico). Nesse sentido, a construção é um pareamento entre forma e função e é considerada uma unidade simbólica convencional (Langacker, 1987; Croft, 2005), ou seja, são associações parcialmente arbitrárias entre forma e significado compartilhadas entre os falantes e que podem ser mais ou menos frequentes no uso, de modo que o significado é constituído pelas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas da construção. Segundo a proposta de Croft (2022), a estrutura básica da construção é constituída pela forma, morfossintaxe e características fonológicas, inclusive a prosódia, e pela função, composta pelo conteúdo semântico e pela função discursiva. O conteúdo semântico, segundo Croft (2022), é o conteúdo informativo que é convencionalmente transmitido por uma construção: a palavra “quadrado”, por exemplo tem o significado de uma forma e figura específica. Já a função discursiva, também conhecida como empacotamento da informação, refere-se à forma como o significado ou o conteúdo semântico é organizado ou estruturado para fins de comunicação no discurso: o conceito de propriedade *enorme* pode ser expresso como uma predicação “aquela árvore é enorme”) ou pode ser empregado para modificar ou acrescentar informação a um objeto (“aquela árvore enorme ali”). Portanto, segundo Croft (2022), as construções expressam um conteúdo semântico, também chamado de significado, e um empacotamento desse conteúdo: o empacotamento de informação, também chamado de função discursiva.

De acordo com o aporte teórico da Gramática de Construções não há distinção rígida entre léxico e gramática, de forma que existe um *continuum* entre ambos e as construções se diferenciam de acordo com a função a que servem e ao tipo de entidade linguística que representam, de modo que a estrutura semântica é projetada diretamente na estrutura sintática. Além disso, do ponto de vista cognitivo, as construções são vistas como redes interconectadas, possibilitando que os falantes interpretem uma nova construção com base em algum padrão semelhante armazenado em seu conhecimento linguístico. Por conseguinte, as construções formam um inventário estruturado do conhecimento do falante sobre as convenções de sua língua, representado, normalmente, na forma de uma rede taxonômica, em que cada construção é um nó.

Nesse sentido, Croft (2022) assume a ausência de relações sintáticas entre elementos e a definição de categorias e relações por meio de papéis que os elementos apresentam em

uma construção complexa. Logo, no que tange às construções encontradas na fala espontânea, há uma relação semântica entre partes da construção sem, necessariamente, haver relação sintática entre elas. Portanto, por se tratar de uma diamesia governada pela dimensão pragmática, as relações entre as construções são pautadas pelo contexto e pelo uso na comunicação - e não por dependência sintática, como mostram os exemplos:

- 8) [a falante comenta o seu apelido]  
\*LUZ: ocês nũ acostumaram ainda / mas cês vão acostumar // **porque todo mundo me chama < de Lilisa > hhh<sup>6</sup> //**
- 9) [falante comenta a construção de uma obra]  
\*PAU: e lá eu quero chegar com ele até a divisa com o Paulo // isso até a [/2] até aquele murinho lá / sabe como //  
\*ROG: sei //  
\*LUZ: **porque é capaz d'eu subir uma parede lá / cobrir //**

Os exemplos apresentam ocorrências de construções que não têm dependência sintática com as construções com as quais coocorrem. Nos dados, podemos observar que o item lexical que introduz a construção insubordinada é uma estratégia recrutada da construção prototípica (subordinada), de modo que assume uma nova função discursiva.

Antes de prosseguirmos, é importante esclarecer brevemente o conceito de construções prototípicas à luz da Gramática de Construções. Segundo Croft (2013, 2022), as construções prototípicas expressam combinações mais comuns ou “favorecidas” de função discursiva e conteúdo semântico. Já as construções não prototípicas expressam combinações menos frequentes e mais marcadas em relação às construções prototípicas. Portanto, como a forma das insubordinadas expressa funções diferentes, essas são consideradas não prototípicas. Neste caso, a estrutura morfossintática da construção causal expressa uma função discursiva diferente, ou seja, não há uma relação de causa-consequência veiculada pelo conteúdo semântico, e sim uma relação de justificação enunciativa.

De acordo com Croft (2022), a estratégia de recrutamento ocorre quando uma construção usada para uma função é usada para outra função. Essa estratégia tem origem diacrônica, uma vez que o recrutamento acontece no passado. No caso da insubordinação, há, como observado por Evans e Watanabe (2016), um recrutamento da forma das orações subordinadas pelas estruturas insubordinadas. De acordo com a proposta de Evans (2007, p. 370), a trajetória da insubordinação acontece da seguinte forma: (i) há o uso “normal” da oração subordinada; (ii), na segunda fase, ocorre o apagamento/elipse da oração principal, mas o ouvinte poderia reconstruí-la com base em processos de inferência conversacional sem restrições semânticas a princípio; (iii) porém, quando a reconstrução da oração principal começa a apresentar restrições quanto ao conteúdo, ou seja, quando há restrição à interpretação do material elíptico, surge o uso das orações insubordinadas, isto é, o uso convencionalizado como principal de uma oração formalmente subordinada. Seguem alguns exemplos dos nossos dados para analisarmos as ocorrências na fala espontânea:

<sup>6</sup> Segundo os critérios de transcrição do *corpus* C-ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012), o símbolo hhh indica ruído paralinguístico (tosse, riso, choro ou ruídos feitos com a boca).

- 10) [homens conversam sobre reformas na estrutura das empresas]  
 \*JOR: *nũ tem interesse / porque todo mundo se defende //*
- 11) [mulher conversa sobre a filha adotiva]  
 \*CAR: *mas eu fico muito feliz porque ela tá / me dando / &he / bons retornos //*
- 12) [falante conta um caso que aconteceu em uma cidade]  
 \*ALO: *aí es / correram depressa / tamparam o caixão / < e > [/1] e racharam embora hhh //*  
 \*LUA: *< então vai > embora //*  
 \*ALO: *e foram embora com o seu Pedro //*  
 \*JOS: *Nossa / < porque aí era o > fim / < né > //*  
 \*ANA: *<é> //*  
 \*ALO: *<cabou> o trem //*

Nos exemplos, as construções são subordinadas, em seu uso canônico, com as orações principais *nũ tem interesse* em (10) e *eu fico muito feliz* em (11). Em (10), há uma quebra não terminal, representada pela barra simples (“/” na transcrição), entre a construção principal *nũ tem interesse* e a adverbial causal *porque todo mundo se defende*. Nesse caso, a construção subordinada ocorre dentro da mesma unidade sintática e fazem parte de um mesmo enunciado nos termos da *Language into Act-Theory* (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014), uma vez que estão dentro da mesma unidade prosódica, representada pelas barras duplas (//), e não são construções independentes.

Essas ocorrências apresentam construções prototípicas, com o uso tradicional de uma construção subordinada (principal + conjunção causal + subordinada). Entretanto, em alguns casos, por estratégia de recrutamento, o uso das construções insubordinadas pelos falantes acontece sem a principal e sem ser possível recuperá-la. Em (12), o interlocutor conta a história de uma senhora que foi traída pelo marido e, no velório dele, demonstrou “alívio” pela situação. Para expressar sua percepção sobre o acontecimento, a falante faz um comentário para demonstrar o quanto a situação retratada era intolerável, utilizando uma justificação enunciativa para apresentar a sua opinião perante o que foi dito por \*ALO. Nesse caso, a construção insubordinada é usada para justificar o ato de fala, uma ilocução de pedido; e não apresenta uma relação de causa direta. Portanto, nos casos de insubordinação não é mais possível recuperar uma oração principal, pois as insubordinadas não apresentam significado relacionado ao significado denotativo da construção adjacente de modo que a relação não é entre conteúdos proposicionais das construções, e sim entre atos de fala.

Desse modo, a teoria assume uma estratégia definida em termos do uso da construção da língua para expressar a função em questão. Tal estratégia consiste no recrutamento, na qual a construção usada para uma função é recrutada para ser usada em uma função diferente, de modo que essa estratégia recrutada assume uma nova função, se adapta e é estendida a ela. De acordo com Croft (2001, 2022), nenhuma construção existe isoladamente, isto é, o sistema linguístico seria organizado em redes taxonômicas hierarquicamente organizadas, e a unidade básica da língua é a construção. Nessa perspectiva, a língua é um inventário de redes construcionais, com unidades simbólicas e complexas que compõem o conhecimento dos falantes sobre a língua.

No que tange à prosódia, a mesma estrutura morfossintática pode veicular diferentes funções discursivas a partir de diferentes prosódias, visto que o conteúdo sintático pode ser-

vir a funções discursivas diferentes. De acordo com Croft (2022, p. 1464), a prosódia “consiste em uma estratégia fonológica normalmente usada para expressar certas construções oracionais não predicativas e construções de atos de fala”. Nessa perspectiva, significados distintos podem ser veiculados por perfis prosódicos diferentes, mesmo que a estrutura morfossintática se mantenha a mesma. Isso ocorre, por exemplo, nas orações condicionais, como observado por Schwenter (2016), e em construções téticas, como apontam Kaltenböck e Heine (2014).

De acordo com quebras prosódicas específicas, terminais (//, que apresentam perfil conclusivo) e não terminais (/ , com perfil não conclusivo), as construções insubordinadas em análise assumem funções específicas orientadas ao nível pragmático, na interação com os falantes. Na visão de Bossaglia, Mello e Raso (2020), a força ilocucionária, veiculada pela prosódia, confere autonomia pragmática e o item lexical usado como subordinador estabelece uma relação pragmática em relação ao (con)texto, e não à sintaxe. Nessa perspectiva, “o estudo da insubordinação e, em geral, da sintaxe da fala, deve levar em conta a organização prosódica da fala” (Bossaglia; Mello e Raso, 2020, p. 248). Portanto, de acordo com características prosódicas específicas, as orações insubordinadas adquirem orientações discursivas específicas e funções pragmáticas (Bossaglia; Mello e Raso, 2020, p. 248). Por apresentar dados do mesmo *corpus* aqui utilizado e por critérios metodológicos adequados às análises da insubordinação sob o nível prosódico, a abordagem da dimensão prosódica adotada por Bossaglia; Mello e Raso (2020) será adotada para as observações feitas no presente trabalho. Desse modo, a força ilocucionária, veiculada por meios prosódicos, fornece construções com autonomia pragmática, de modo que o item lexical, formalmente subordinador, estabelece uma relação não sintática, mas pragmática e relacionada ao discurso.

Desse modo, após estabelecer o suporte teórico que orienta a análise, a próxima seção descreve a metodologia adotada para o estudo aqui apresentado e explicita o *corpus* utilizado, os critérios de seleção das ocorrências e os métodos quantitativos e qualitativos empregados na análise.

## 4 Metodologia

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados do C-ORAL BRASIL<sup>7</sup> (Raso; Mello, 2012), um *corpus* de fala espontânea do português do Brasil, principalmente da diatopia mineira. Como apontado por Raso (2012, p. 59), a fala espontânea varia de acordo com alguns parâmetros como: a tipologia comunicativa (monólogo, diálogo e conversação), canal comunicativo, contexto sociológico (privado, familiar ou público), variedades de registros ou gêneros possíveis, fatores sociolinguísticos, entre outros. A fim de respeitar essas condições, o *corpus* coleta dados em contexto natural e em contexto informal, mantendo uma estrutura com bom balanceamento e arquitetura que representa as variações que ocorrem em situações informais da fala espontânea, além de critérios de transcrição voltados para capturar fenômenos próprios dessa diamesia.

O *corpus* é composto por 139 textos (21:08:52 horas), divididos em dois contextos, familiar/privado (159.364 palavras) e público (48.766 palavras), e separado, de forma equilibrada, em três situações comunicativas: diálogos (dois participantes), conversação (mais de dois

<sup>7</sup> Acessível em <http://www.c-oral-brasil.org>.

participantes) e monólogo (um participante), totalizando 208.130 palavras. O recurso apresenta transcrição em formato txt feita pelo sistema CHAT (Macwhinney, 2000), gravações que apresentam alta qualidade acústica, além de alinhamento texto-som feito pelo software WinPitch (Martin, 2010). O recurso integra o projeto C-ORAL ROM (Cresti; Moneglia, 2005), que dispõe de *corpora* comparáveis de outras línguas, como o espanhol, francês, italiano e português europeu.

Segundo a *Language into Act-Theory* (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014), uma teoria *corpus-driven* voltada para a análise pragmática e prosódica da fala espontânea, que orienta a segmentação dos *corpora* do projeto C-ORAL, a segmentação da fala é feita, a partir de percepções de variações prosódicas, conforme ilustram os exemplos:

13) se ficar alto demais / ele fica feio //

14) tendeu //

Conforme os exemplos, a segmentação é feita em quebras prosódicas que podem ser: conclusivas (“//” na transcrição); e não conclusivas (“/” na transcrição) que marcam unidades menores (as unidades tonais). Em (13), *se ficar alto demais* é uma construção que não tem independência, visto que o enunciado não tem autonomia prosódica nem pragmática, pois o falante ainda vai completar a sua ideia e o perfil prosódico é ascendente. Já o exemplo em (14) mostra uma ilocução autônoma, completa e independente, com perfil prosódico descendente e conclusivo, que veicula uma pergunta. Para garantir a representatividade de diamesia falada, em seu processo de compilação, as gravações dos áudios foram feitas com recursos sofisticados a fim de garantir a melhor qualidade acústica possível. Além disso, o *corpus* foi compilado para obter uma ampla variação diafásica, assim como uma arquitetura muito bem balanceada e equilíbrio quanto à idade e sexo dos falantes. Desse modo, o recurso apresenta dados autênticos de fala, registrados em diferentes situações comunicativas, e se mostra ideal para o estudo da fala espontânea, pois dispõe de critérios de compilação e segmentação próprios para análise dessa diamesia.

Nesse sentido, o recurso selecionado para a pesquisa obedece a critérios metodológicos bem definidos de compilação, arquitetura e transcrição e, por conseguinte, constituem recursos adequados e projetados para finalidade de estudo da fala espontânea. É importante destacar que, por razões metodológicas, não vamos nos ater às especificidades teóricas e categóricas da *Language into Act-Theory* (Cresti, 2000; Moneglia, Raso, 2014) e nos atentar apenas para a segmentação.

Em relação à etapa da coleta de dados, em primeiro lugar, foi feito o levantamento dos dados por meio do *software* AntConc (Anthony, 2014), buscando-se, nos textos, pelo subordinador *porque* em ocorrências nas quais o item lexical aparecia após quebras prosódicas terminais (//), uma vez que indica que se trata de um enunciado autônomo. A escolha do subordinador *porque* foi feita devido à sua alta produtividade nos registros orais e escritos, constituindo uma entrada para observar os padrões de insubordinação causal. De modo, outras conjunções causais subordinadas foram buscadas e não foi encontrada nenhuma ocorrência após quebras terminais para *porquanto*, *dado que* e *visto que*; uma para *uma vez que*; duas para *já que*; cinco para *que* e dezoito para *por isso que*. As ocorrências de *como* no início das construções eram com função de pronome interrogativo. Portanto, as construções menos frequentes não viabilizam uma análise contundente e, por esse motivo, apenas a observa-

ção das construções iniciadas por *porque* foi mantida, o que garante dados mais robustos para análises qualitativa e quantitativa.

Em seguida, as ocorrências de construções insubordinadas foram organizadas e classificadas quanto à relação causal (se há uma justificação enunciativa ou uma relação de causa-consequência). O processo de busca pelo item lexical nos textos foi feito sempre acompanhado pela oitiva dos arquivos, por meio de software WinPitch (Martin, 2010), que permite acesso simultâneo à transcrição, ao som e ao espectrograma.

Nesse sentido, a análise dos dados da presente pesquisa é de caráter qualitativo-quantitativo, utilizando como fonte o *corpus* C-ORAL BRASIL (Mello; Raso, 2012). Desse modo, a unidade de fala analisada foi a construção iniciada por *porque*, visto que outras conjunções não ocorrem, com frequência, em unidades tonais separadas. Após a identificação da construção, o critério para análise foi a função na fala, observando a entonação usada pelos falantes e a relação entre atos de fala e, por fim, os dados foram contabilizados. A análise permitiu quantificar a presença das construções e também compreender seu papel funcional na fala do português brasileiro.

Com a metodologia definida, serão apresentados os resultados obtidos a partir do levantamento e da análise das ocorrências no *corpus*. A próxima seção detalha os padrões identificados, tanto em termos de frequência quanto de função discursiva, oferecendo uma visão abrangente das construções observadas.

## 5 Resultados e análise dos dados

Com base nos preceitos da Gramática de Construções (Croft, 2022), até o momento as seções deste artigo apresentam os objetivos da pesquisa ao investigar o fenômeno da insubordinação no português brasileiro, sendo estes, em suma, identificar o motivo pelo qual os falantes usam a construção insubordinadas e suas funções. Para isso, buscamos investigar qual relação semântica as insubordinadas têm com as demais construções com que coocorrem, partindo da hipótese de que há uma relação de justificação enunciativa. Além disso, pretendemos entender porque a estrutura insubordinada apresenta forma de uma causal subordinada e, assumimos, a partir disso, que há uma estratégia de recrutamento. Na análise de Evans (2007, p. 370), insubordinação segue a seguinte trajetória:

Quadro 1 – Trajetória da insubordinação

Subordinação (1)	Elipse (2)	Elipse convencionalizada (3)	Reanálise como uma estrutura principal (4)
Construção subordinada	Elipse da oração principal	Restrição à interpretação do material elíptico	Uso convencionalizado como principal de oração originalmente subordinada

Fonte: Evans, 2007, p. 370, tradução de Coradini e Hirata-Vale, 2021, p. 322.

Na primeira fase da evolução diacrônica da insubordinação, há a construção subordinada, combinada com a oração principal, constituindo, portanto, a subordinação. Em seguida, ocorre a elipse da oração principal, a qual pode ser facilmente inferida pelo contexto e infe-

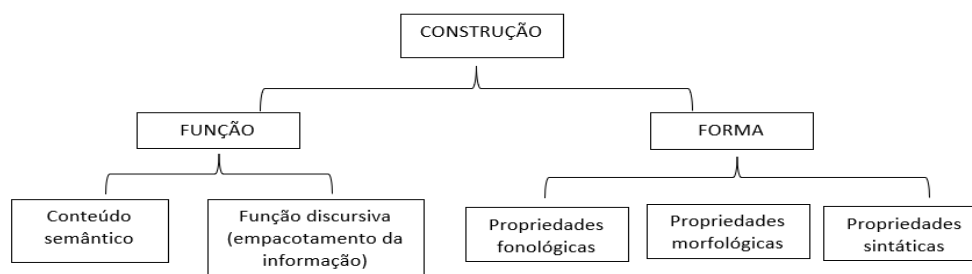
rências conversacionais, sem que existam restrições semântico-pragmáticas. No entanto, na etapa 3, a reconstrução da cláusula principal omitida se torna mais complexa e algumas estruturas sintáticas que poderiam ser consideradas como conteúdo elíptico são excluídas por convenção. Neste estágio, o contexto delimita algumas possibilidades de reconstituição do conteúdo da oração principal e surgem restrições quanto à sua reconstrução. Essa etapa, portanto, origina a fase final do processo, a convencionalização, na qual as construções subordinadas possuem significados próprios e são independentes, não sendo possível recuperar qualquer material elíptico.

Na próxima seção, apresentaremos de forma detalhada os dados e as análises referentes ao fenômeno das 286 ocorrências no português brasileiro falado, descrevendo não apenas sua distribuição e características estruturais, mas também os contextos discursivos em que aparecem e as possíveis interpretações que emergem a partir desses usos da língua. Na seção seguinte, por sua vez, serão apresentadas as considerações finais, nas quais retomaremos os principais resultados obtidos e refletiremos sobre suas implicações teóricas e metodológicas.

## 5.1 As construções causais insubordinadas

Segundo o aporte teórico da Gramática de Construções (Croft, 2001), as construções são associações parcialmente arbitrárias entre forma e significado (ou forma e função) compartilhadas entre os falantes e que podem ser mais ou menos frequentes no uso, de modo que no nível da forma, a construção é formada pelas propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; e no nível da função, pelas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Imagem 1 – Modelo simbólico de uma construção



Fonte: Croft, 2022, p. 5, adaptado.

O modelo apresentado adaptado de Croft (2001, p. 5) demonstra a forma como a construção é concebida dentro da perspectiva construcional da linguagem (Traugott; Trousdale, 2013). Nessa abordagem teórica, forma e função se conectam por meio de relações de correspondência simbólica, de modo que orientam e são moldados por usos linguísticos, criando uma conexão entre ambos. A busca pelas orações causais no *corpus*, na pesquisa em andamento, levantou um total de 286 enunciados dos 27590 enunciados completos do *corpus*<sup>8</sup>:

<sup>8</sup> Os dados completos podem ser encontrados neste link: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1h78CUH-vkHMPaX95qyw4Vq2ekOoNt3N1/edit?usp=sharing&ouid=106176044600777471678&rtpof=true&sd=true>.

- 15) [falante comenta o seu visual para o casamento]  
 \*JAE: inda bem que cê vai tar co seu cabelo curto / pa nũ fazer aquela touca pra cima //  
**porque Deus me livre //**
- 16) [amigos reunidos para jogar um jogo]  
 \*HEL: o outro grupo pode atrapalhar falando // < **porque quando** ><sup>9</sup> eu jogava / < o  
 povo ficava > / **repetindo a mesma < palavra / enchendo o saco > //**
- 17) [dois operários da construção civil planejando o trabalho]  
 \*ROG: eu vou &coloc [/3] eu vou suspender mais um pouquim aqui / vou pegar a linha /  
 e vou colocar por cima //  
 \*PAU: ah / **porque senão //**

Conforme Traugott (2017), os sinais formais de insubordinação incluem, entre outros, a presença de um subordinador e o uso sintático independente. Nesse sentido, nos exemplos, é possível observar que as insubordinadas apresentam o item lexical *porque* e ocorrem em construções separadas da “principal”, mantendo sua autonomia sintática, como sinalizado por Croft (2001) em relação à natureza das construções.

Nos exemplos, é possível perceber que as estruturas parecem funcionar como justificativas, não no plano sintático, mas semântico. Em (15), *porque Deus me livre* é um ato de fala usado pela falante para expressar um certo “alívio” pelo fato de a amiga estar com cabelo curto e não precisar usar a touca. Em (16), a falante está justificando o porquê ela pergunta se o grupo pode atrapalhar o jogo uma vez que a equipe perturba ao ficar repetindo a mesma palavra. Um comportamento semelhante é observado retomando a construção (17), usada pelo falante para expressar que “se não usarem as linhas corretas na construção, algo pode dar errado”. Portanto, nos exemplos, não há dependência sintática entre a “principal” e a “insubordinada”, até pelo fato de estarem em níveis prosódicos diferentes. Porém, a relação de justificativa é mantida no plano pragmático, uma vez que a justificativa ocorre no nível discursivo, ou seja, a construção insubordinada faz referência à situação discursiva, e não à “principal”. Logo, a relação de justificativa é preservada no plano pragmático, pois a conexão entre as partes não se dá pela estrutura sintática, mas pelo modo como o sentido é construído no discurso. No nível pragmático, a justificativa depende da intenção do falante, do contexto, das inferências que o ouvinte é capaz de fazer e da forma como a informação se articula com o fluxo discursivo. Assim, a construção insubordinada não se liga semântica ou sintaticamente à “principal”, mas sim ao contexto discursivo mais amplo, funcionando como um comentário ou justificativa para a situação comunicativa em curso. Desse modo, os exemplos apresentam eventos independentes, visto que, caso a insubordinada fosse removida, não haveria comprometimento de conteúdo no nível sintático, mas haveria uma lacuna semântico-pragmática. Vejamos alguns exemplos:

- 18) [vendedor conversando com a cliente em uma loja de sapatos]  
 \*EUG: por isso que cê tá sentindo // **porque esse aqui [sapato] tá todo forrado //** e  
 aquele lá nũ é forrado //

<sup>9</sup> A tag <> indica sobreposição de turno de fala.

- 19) [mulher fala sobre a cobertura da casa]  
 \*VER: a minha idéia é colocar uma telha colonial // **porque aí nũ preciso pôr laje** //
- 20) [pai comenta com o filho sobre ir embora de um local]  
 \*ONO: <uai> // <eu vou> / uai // eu tô querendo ir embora mesmo // eu nũ vou embora é por [/2] é por [/2] &he / é / por causa d'ocês / não // **porque ocês tá tudo bãõ / tá novo** // por causa da sua mãe e a <Maria Eduarda> //

Nos exemplos, os falantes expressam uma crença: em (18), o vendedor deduz que a cliente está sentindo diferença entre os sapatos porque um deles é forrado, e o outro não; e em (19), a mulher diz ao seu interlocutor que acha que seria adequado colocar uma telha na casa. Por outro lado, em (20), o falante retoma o que ele disse antes justificando o seu ato de fala, reforçando o seu conteúdo locutivo. Nesse caso, a construção causal encontra-se “deslocada”, como se o falante interrompesse o próprio turno de fala para realizar essa construção insubordinada e, em seguida, retomar o que estava falando no início. Assim, o uso funciona como um “acréscimo” de informação durante o turno de fala. Segue mais um exemplo:

- 21) [falantes comentam o corte de cabelo]  
 \*MIC: eu queria trocar mas nũ dá // minha mãe vai yyyy //  
 \*LUC: acho bacana <hhh> //  
 \*FLL: eu < cortei > o meu / o' [cabelo]//  
 \*MIC: tô <vendo> //  
 \*FLL: <hoje> //  
 \*MIC: <tá ótimo> //  
 \*FLL: <porque eu cortei pro casamento> //

Na estratégia de recrutamento, uma construção é usada para uma função diferente, com a mesma forma. Em (21), a construção causal justifica o ato de fala e não há uma relação de causa e efeito. Em outros termos, a justificativa não é que a falante \*FLL cortou o cabelo, que ela cortou o cabelo para o casamento; mas ela justifica o porquê ela disse que cortou o cabelo. Portanto, a construção causal recruta a estratégia da construção subordinada para assumir um novo significado no discurso.

De acordo com Croft (2022), a estrutura básica de uma construção é formada pela função, composta pela função discursiva e conteúdo semântico, e pela forma, representada pela estrutura morfossintática e fonológica/prosódica. Nesse sentido, as construções insubordinadas casuais são convencionalizadas como principais, visto que são independentes. Sintaticamente, dispõem do item lexical *porque* que, canonicamente, introduz uma oração causal, seguido do restante da construção. Prosodicamente, as construções insubordinadas têm sua própria força ilocucionária e são independentes, apresentando um contorno entonacional descendente (o que se assemelha ao ponto final na escrita). Nos exemplos em (18) e (21), portanto, a forma, aparentemente semelhante à de uma principal, apresenta uma nova função discursiva em um pareamento convencionalizado. Nos termos de Croft (2022), podemos considerar que o ouvinte reanalisa uma propriedade semântica/funcional da unidade sintática, no caso, a construção insubordinada, de modo que esta propriedade que passa a ser atribuída é inerente à unidade sintática e, portanto, a construção adquire uma nova função discursiva. Vejamos o quadro abaixo, que representa a forma e a função das construções insubordinadas:

Quadro 2 – Forma e função da construção in subordinada causal

Construção in subordinada causal	
Função	Conteúdo semântico: causa indireta Função discursiva: justificação enunciativa
Forma:	Morfossintaxe: porque oração Prosódia: 

Figura 3: Imagem do espectrograma das orações principal “a minha ideia é colocar uma telha colonial” (à esquerda) e causal “porque aí nũ preciso pôr laje” (à direita) feito pelo programa Praat (Boersma; Weenink, 2018).

Fonte: elaboração própria.

Para elucidar a forma como a informação é processada pelo usuário da língua, Chafe (1994) utiliza a ideia de unidade de informação e, posteriormente, a adapta para unidade de entonação, que ativa um novo “pedaço” de informação, um novo foco de atenção. Uma visão similar, com as devidas proporções, é apresentada pelo conceito de unidade tonal, apresentado pela *Language into Act-Theory* (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014), teoria que segmenta o *corpus* aqui utilizado, e corresponde a fronteiras prosódicas do enunciado que podem ser terminais “//” (delimitam o final do enunciado) ou não terminais “/” (apresentam um perfil não-conclusivo). De acordo com essa percepção no nível prosódico, as construções in subordinadas são segmentadas como independentes e constituem, por conseguinte, eventos autônomos sintaticamente.

Do ponto de vista da função, as construções se pautam nas interações entre falantes e ouvintes (Heine, Kaltenböck e Kuteva; 2016) e têm significados próprios e autônomos, carregando propriedades discursivas, pragmáticas e interacionais, apresentando justificativas dos atos de fala (como no exemplo 21), avaliações epistêmicas acerca do conteúdo locutivo (como nos exemplos 18 e 19), ou sinalizam um comentário ou acréscimo de informação dentro da situação discursiva, com caráter parentético, interrompendo o fluxo informacional (como no exemplo 20).

Além disso, segundo Croft (2022), as construções prototípicas são importantes para comparações linguísticas, definindo as estruturas morfossintáticas que caracterizam partes do discurso de uma língua e expressam combinações mais comuns ou “favoráveis” para o empacotamento da informação e conteúdo semântico. Seguem alguns exemplos:

- 22) [falante relata uma história de família]  
 \*DFL: então / nessas férias / &q [1] a gente / quando veio pra Belo Horizonte / nas férias / ele trazia Maria Julieta / que era a única filha dele / porque os pais da Dolores / os sogros dele / passaram a morar nessa casa que ele morava //

- 23) [falantes comentam a organização do espaço]  
 \*LAU: não / tem que colocar uns espelhos aqui //  
 \*LAU: < nessas curvas > //  
 \*LUZ: < aqui também é > outra / aqui o' //  
 \*LUZ: **porque ocê < não vê >** //  
 \*LUZ: perigosíssima / né //
- 24) [falante conta sobre o dia do nascimento do seu filho]  
 \*REG: será que cê nũ tinha jeito de cê me arrumar um remédio / **\_r porque a médica prescreveu** //\_<sup>10</sup>

Portanto, as subordinadas causais são consideradas prototípicas uma vez que são ocorrências mais frequentes e são formadas pela oração principal e pela oração dependente, expressando uma relação de causa e consequência, como em (22), no qual \*DFL justifica que o pai precisava levar a filha para Belo Horizonte nas férias porque os sogros ocuparam a outra casa. Logo, o fato de os sogros morarem na antiga residência do pai é a causa de a viagem para Belo Horizonte ter sido necessária. Já as insubordinadas causais são menos prototípicas e expressam relações que estão no nível pragmático-discursivo, apresentando justificativas para os atos de fala, e não se reduzindo à natureza morfossintática. Em (23), a insubordinada apresenta uma relação pragmático-discursiva com o seu primeiro turno de fala (*não / tem que colocar uns espelhos aqui //*) de modo que \*LUZ utiliza a construção causal para justificar a sua ilocução de instrução/ordem, mesmo após a interação com o turno de fala de seu interlocutor. O exemplo em (24), por sua vez, apresenta um discurso reportado, isto é, \*REG usou o discurso direto para reproduzir exatamente a sua fala. Na ocorrência, a construção causal é usada para justificar o motivo pelo qual a paciente precisa do remédio, ou seja, porque a médica o prescreveu.

Após a descrição das construções totalmente insubordinadas, torna-se pertinente considerar casos que parecem desafiar a interpretação de orações formalmente insubordinadas. Na próxima seção, serão analisadas as construções causais semi-insubordinadas, que revelam ocorrências em que seria possível recuperar “orações principais” no contexto linguístico adjacente.

## 5.2 Semi-insubordinadas

Apesar de as construções que ocorrem em níveis prosódicos diferentes daquelas que seriam suas “principais” serem independentes sintaticamente, existem casos em que parece ser possível recuperar elementos das construções principais. Em uma abordagem da fala espontânea<sup>11</sup>, segundo Bossaglia, Mello e Raso (2020, p. 246), as semi-insubordinadas são casos em

<sup>10</sup> O símbolo \_r indica o discurso reportado, isto é, quando o falante reproduz uma fala ou citação.

<sup>11</sup> Em outra perspectiva, Van Linden e Van De Velde (2014) destacam que as semi-insubordinadas apresentam um possível resquício da oração principal ausente e são construções precedidas de constituintes que aparentam funcionar, no nível da sentença, como fragmentos da oração principal. Ou seja, é possível recuperar algum material da “principal”. Conforme os trabalhos de Hirata-Vale (2015, 2017) sobre o português, há casos em que o significado da ocorrência é não restritivo, isto é, se refere à situação discursiva e não a uma oração principal. Na análise feita pela autora, foi observado que as condicionais insubordinadas apresentam usos metatextuais, com

que seria possível recuperar as “orações principais” no contexto linguístico adjacente. Nessa perspectiva, são autônomas e interpretáveis, prosódica e pragmaticamente, mas exibem vínculo com o ato de fala, recuperando uma possível “principal”, ou exibem algum tipo de coesão textual com ela no discurso. Vejamos alguns exemplos:

- 25) [homem comenta duas disciplinas do curso]  
\*BAL: <o problema> é / eu vou ter que &m [/1] estudar e me atualizar em duas coisas ao mesmo <tempo> //  
\*BEL: <ah> / tá // <ah / mas é yyyy> +<sup>12</sup>  
\*BAL: < não que isso me > [/4] não que isso fosse me confundir // **porque eu nunca confundo Letras com <informática> / nũ tem nem como //**

No exemplo, mais material sintático e semântico está presente no enunciado juntamente com a construção causal, de modo que, textualmente e discursivamente, parece haver uma “dependência/relação” entre a “principal” e a construção causal. Logo, é possível interpretar que o falante não confunde Letras com informática e, portanto, não seria capaz de fazer essa confusão entre as duas áreas. Nesse caso, nota-se uma inferência textual de uma possível principal para a construção “porque eu nunca confundo Letras com informática”, veiculada também pela repetição do verbo “confundir”.

- 26) [falante comenta um programa de televisão que assistia aos sábados]  
\*CLA: é &p [/2] eu assistia isso muito em Guarapari //  
\*CLA: tipo / na época das férias //  
\*CLA: **porque era <tipo / final da manhã> //**  
\*RAQ: <tá> //  
\*RAQ: <mas cê já tinha passado da idade de assistir isso> //

- 27) [mulheres falam sobre o prédio que estão visitando]  
\*CES: mas ele tinha que ter elevador // **porque ele é [/2] ele é alto / Anete //**

Em (26), a falante está relatando sobre um programa televisivo, que passava aos sábados, ao qual costumava assistir. Nesse sentido, a construção causal é usada como forma de acrescentar uma informação à construção anterior, isto é, ela assistia ao programa na época das férias, que era exibido no final das manhãs. Neste caso, podemos identificar uma relação textual entre as duas construções (*tipo na época das férias* e *porque era tipo final da manhã*) e inferir, pelo contexto, que ela assistia ao programa em Guarapari porque estava de férias e tinha tempo livre pelas manhãs. Em (27), a falante está constatando a informação de que o prédio é alto e, por isso, deveria ter um elevador. Nos dois exemplos, as construções apresentam relações textuais-discursivas entre si, de modo que é possível recuperar um fragmento da “principal”, e não ocorrem “soltas” do ponto de vista textual.

No entanto, é necessário destacar que, apesar de ser possível recuperar a construção principal no contexto linguístico adjacente, as construções causais semi-insubordinadas

---

um caráter de retomada, e se relacionam à organização textual que integra o discurso. Neste trabalho, vamos assumir as abordagens de Bossaglia, Mello e Raso (2020).

<sup>12</sup> A anotação yyyy indica um trecho ininteligível e o símbolo + indica interrupção do turno de fala.

ainda são independentes sintaticamente e prosodicamente. Ou seja, são autônomas e interpretáveis; mas mantêm coesão textual com o discurso produzido. Segue mais um exemplo:

28) [mulher relata o nascimento do seu filho]

\*REG: assim / João nasceu dentro do carro // quê //\_r menino / isso aí foi um acontecimento // **porque ninguém acreditava / né** //

Na ocorrência, a construção causal *porque ninguém acreditava* apresenta referência textual com a construção anterior *isso aí foi um acontecimento*. Na conversa, \*REG está relatando o nascimento de seu filho e destaca que o parto aconteceu no carro e, por isso, foi um acontecimento inesperado - porque ninguém acreditava. Desse modo, no nível discursivo e textual, a causa expressa pela construção tem ligação com a construção adjacente e, por isso, apresenta o comportamento de uma semi-insubordinada. No nível discursivo, a semi-insubordinada apresenta a função comunicativa de acrescentar ou justificar informações no contexto da fala ou do texto. No plano textual, por sua vez, a construção apresenta uma ligação com o conteúdo linguístico adjacente, mesmo não apresentando dependência sintática plena. Portanto, dar luz às semi-insubordinadas se faz necessário, visto que essas construções, apesar de serem independentes sintática e prosodicamente, não possuem total autonomia pragmática, uma vez que elas dependem de conteúdo linguístico adjacente para que seu sentido seja plenamente interpretado. Desse modo, não possuem função semelhante às insubordinadas, as quais não apresentam ligação textual com o conteúdo linguístico adjacente.

Por fim, após a análise detalhada dos dados e a discussão das diferentes manifestações das construções causais, na próxima seção serão sintetizados os principais achados da pesquisa, retomando os objetivos propostos e destacando as contribuições do estudo.

## 6 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar as ocorrências das construções insubordinadas no português brasileiro falado, com foco nas causais, a fim de trazer maior compreensão para seus usos e funções no discurso. Nesse sentido, buscamos observar, nos dados, se as construções apresentam algum tipo de relação, não sintática, mas semântica com as construções adjacentes. Para isso, partimos da hipótese de que existe uma relação de justificação enunciativa. Além disso, procuramos investigar a motivação e função para o uso de uma estrutura de subordinação causativa em uma construção insubordinada. Diante disso, assumimos a hipótese de que a construção causativa é uma estratégia de recrutamento por assumir a forma canônica de uma oração formalmente subordinada.

Tais propostas se fundamentaram sob o aporte teórico funcionalista e cognitivista de Croft (2022), segundo o qual a construção deve ser analisada em relação a como a sua forma expressa a função. Nessa perspectiva, observamos que as construções insubordinadas analisadas recrutam a forma das construções subordinadas, porém com uma nova função discursiva: a justificação enunciativa. Nessa nova função, a relação causal ocorre no plano epistêmico ou no nível do ato de fala, e não no plano sintático. No entanto, verificamos ocorrências em que as causais parecem manter uma relação textual e discursiva com a construção adjacente, sendo, consideradas, portanto, semi-insubordinadas.

Na análise apresentada neste trabalho, observamos casos diferentes, em que as insubordinadas ocorrem no mesmo turno de fala e em turnos diferentes. No entanto, analisamos as ocorrências do ponto de vista da função, sem avaliar as diferenças prosódicas entre as insubordinadas – o que será feito em análises mais aprofundadas que estão em desenvolvimento.

Desse modo, o estudo da realização das construções insubordinadas causais na fala espontânea do português brasileiro revela padrões de uso condicionados pelo contexto pragmático, no qual desempenham diferentes funções pragmático-discursivas, e a relação entre partes da construção é semântica, apresentando fenômenos próprios da diamesia falada.

## Declaração de autoria

Alessandra Emanuelle Macieira Silva participou da conceptualização do estudo, da curadoria de dados, da realização da análise formal, da condução da investigação, da elaboração dos procedimentos metodológicos e da escrita do artigo. Luana Lopes Amaral contribuiu com a conceptualização, supervisionou o desenvolvimento do trabalho, colaborou na análise formal e participou da escrita do artigo.

## Referências

- ANTHONY, L. *AntConc*. Versão 3.4.3. Tokyo, Japan: Waseda University, 2014. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/>. Acesso em 08 fev. 2025.
- AUSTIN, L.J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program], Version 6.0.37. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em 08 fev. 2025.
- BOSSAGLIA, G.; MELLO, H.; RASO, T. Illocution as a unit of reference for spontaneous speech: An account of insubordinated adverbial clauses in Brazilian Portuguese. In: SHLOMO IZRE'EL, S.; MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (orgs.). *Search of Basic Units of Spoken Language*. John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 221-256.
- CHAFE, W. L. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CORADINI, M.; de M. HIRATA-VALE, BEZZERA, F. Os estágios de insubordinação em construções condicionais com a conjunção *se* no português: evidências históricas. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 318-345, 2021. DOI: <http://doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e75334>.
- CRESTI, E. *Corpus di italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- CRESTI, E; MONEGLIA, M. (eds.). *C-ORAL-ROM*. Integrated reference corpora for spoken romance languages. Amsterdam/Philadelphia John Benjamins, 2005.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: University Press, 2001.

- CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005. p. 273-314.
- CROFT, W. *Morphosyntax: constructions of the world's languages*. Cambridge University Press, 2022.
- EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (ed.). *Finiteness: Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 266-431.
- EVANS, N., WATANABE, H. *Insubordination*. Amsterdam: John Benjamins, 2016.
- DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2011.
- DECAT, M. B. N. *Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação: abordagens funcionalistas*. Pontes Editores, 2021.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure* (Cognitive theory of language and culture). Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GORSKI, E. M.; GIBBON, A.; VALLE, C. R. M.; MAGO, D. Dal; TAVARES, M. A. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; J. ABRAÇADO (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p.106-122
- HEINE, B., KALTENBÖCK, G., KUTEVA, T. On insubordination and cooptation. In: EVANS, N., WATANABE, H. (eds.) *Insubordination*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. p. 39-63.
- HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico Final. Bolsa de Pesquisa no Exterior. FAPESP: processo 13/24523-2. 2015.
- HIRATA-VALE, F. B. M. *Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais*. Estudos linguísticos, São Paulo. 1978, v. 46, p. 83-97, 2017.
- HIRATA-VALE, F. B. M. Perspectivas teóricas para a análise do fenômeno da insubordinação: estado da arte e desafios futuros. In: DECAT, M.B.N; SÉ J. C. S.; HIRATA-VALE F.B. de M.; CAMPOS R. C. S e.; RODRIGUES, V. V. e CAIXETA, G. F. *Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação: perspectivas funcionalistas*. Campinas: Pontes, 2021. p. 75-113.
- KALTENBÖCK, G.; HEINE, B. Sentence grammar vs. thetical grammar: Two competing domains. In: MACWHINNEY, B.; MALCHUKOV, A.; MORAVCSIK, E. (ed.). *Competing motivations in grammar and usage*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 348-363.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- MACWHINNEY, B. J. *The CHILDES project: tools for analyzing talk*. 3. ed. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. 2 v.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. (org). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989. p. 281-318.

- MARTIN, P. *Winpitch10*, versão 1.00. Pitch Instruments. 2010. Disponível em: <<https://www.winpitch.com/>>. Acesso em 08 fev. 2025.
- MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. *Language*, Cambridge, v. 84, n.1, 2008, p. 69-119. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.2008.0054>.
- MILLER, J.; WEINERT, R. *Spontaneous spoken language: syntax and discourse*. Oxford: Oxford University Press, 1998. 457p.
- MONEGLIA, M.; RASO, T. Notes on Language into Act Theory (L-Act). In: RASO, T; MELLO, H. (ed.). *Spoken corpora and linguistic studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 468-494.
- MONTOLÍO, E. ;Si nunca *he dicho que estuviera enamorada de él!* Sobre construcciones independientes introducidas por si con valor replicativo. *Oralia: Análisis del discurso oral*, Almería, n. 2, p. 37-70, 1999. DOI: <https://doi.org/10.25115/oralia.v2i.8529>.
- RASO, T. O Corpus C-ORAL-BRASIL. In: RASO, T; MELLO, H. (orgs). *C-ORAL BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2012. p. 55-90.
- RASO, T; MELLO, H. (eds.). *C-ORAL BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- SCHWENTER, S. A. Meaning and interaction in Spanish independent si-clauses. *Language Sciences*, Oxford, v. 58. p. 22-34, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2016.04.007>.
- SCHWENTER, S. A. Independent si-clauses in Spanish: Functions and consequences for insubordination. In: WATANABE, H.; EVANS, N. *Insubordination*. John Benjamins Publishing Company, 2016. p. 89-112.
- SCHWENTER, S. A. *Pragmatics of conditional marking: implicature, scalarity and exclusivity*. Nova York: Garland, 1999.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRAUGOTT, E. C. 'Insubordination' in the Light of the Uniformitarian Principle. *English Language & Linguistics*, Cambridge, v. 21, n. 2, p. 289-310, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1360674317000144>.
- TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-) autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic-pragmatics values. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 60, . p. 226-50, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.08.022>.